

EDUCAÇÃO POPULAR – SISTEMA DE TEORIAS INTERCOMUNICANTES

MELO NETO, José Francisco de – UFPB

GT: Educação Popular / n.06

Agência Financiadora: Não contou com financiamento

Apresentação

A educação popular pode ser examinada como uma possibilidade educativa veiculada e incentivada pelo Estado mas, sobretudo, por setores da sociedade civil – sindicatos, partidos políticos, organizações não-governamentais, igrejas e outras instituições. Tem despertado maior interesse como ferramenta de luta, a partir do início do século passado, na organização de setores das classes trabalhadoras. Manifestou-se no seio das práticas políticas dos anarquistas, sobretudo nas duas primeiras décadas, ou mesmo na perspectiva educacional do governo, desde a década de 30, estando presente na legislação ou em projetos da política governamental (Kulesza, 2003), voltados à *educação do povo*, compreendida como educação popular, entre eles as campanhas do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) e, de certa forma, o Movimento de Educação de Base (MEB). Absorveu, também, as mais diferenciadas experiências educativas nas Américas, na África e outros continentes, com metodologias, linguagens, visões políticas, técnicas didáticas, mecanismos avaliativos próprios e presentes nos distintos movimentos sociais revolucionários do século passado, assumindo a forma da educação possível aos setores sociais como indígenas, camponeses, trabalhadores, trabalhadores sem terra, moradores de periferias das cidades e outros setores marginalizados das políticas públicas.

Contudo, somente a partir da década de 50, com ênfase, no início da década de 60, tem início a demarcação desse campo da educação com as experiências de Paulo Freire¹, de

¹ A primeira, dentre as várias experiências, aconteceu no Serviço de Extensão Cultural (SEC) da Universidade do Recife, atual Universidade Federal de Pernambuco, coordenado pelo Prof. Paulo Freire. Registrem-se ainda as ações educativas do Movimento de Cultura Popular (MCP) e da União Estadual dos Estudantes de Pernambuco, do Diretório Central dos Estudantes da Universidade do Recife e o Centro Popular de Cultura (CPC), criado em 1961, no Rio de Janeiro, ligado à União Nacional dos Estudantes (UNE). Estas ações estenderam-se por vários Estados, destacando-se os projetos implantados na cidade de Angicos e Natal, no Rio Grande do Norte, com a Campanha “De pé no chão também se aprende a ler”. Na Paraíba, destacaram-se as campanhas: 1) alfabetização-educação de adultos pelo rádio (SIREPA – Sistema Rádio-Educativo da Paraíba); 2) aplicação em larga escala do Método Paulo Freire e do movimento de cultura popular adjacente (CEPLAR – Campanha de Educação Popular); 3) Cruzada ABC – Cruzada da Ação Básica Cristã, pós-abril de 1964, liderada por missionários protestantes e técnicos norte-americanos. Suas experiências chegaram a Osasco (SP) e Brasília. Posteriormente, elaborou-se o Plano Nacional de Alfabetização (PNA-MEC), o

modo especial, no âmbito da *alfabetização*. No entanto, pesquisas, análises, tentativas e definições de políticas públicas direcionadas a esse campo da educação continuam, visualizando novas possibilidades e outros ambientes de aplicação desse tipo de educação.

A partir da realidade do analfabetismo regional, Paulo Freire passou a delimitar a sua perspectiva educacional, definindo-a como de comunidade ou consciência “intransitiva”, quando os interesses das pessoas estão definidos pelas exigências elementares biológicas de sobrevivência. Por meio da ação educativa, eleva-se o patamar de consciência para um nível de “transitividade”, onde o humano e o seu mundo adquirem esferas para além das dimensões biológicas vitais, alçando-se o compromisso para com a sua existência. Esse patamar da “*consciência transitiva*”, considerado por Freire (1963) de “ingênua” em um primeiro estágio, é caracterizado pela visão das coisas de forma nebulosa e não como fruto da investigação, pela fragilidade dos argumentos, pela desconfiança de tudo que é novo, pela falta de incentivo ao debate ou por suas explicações mágicas. Então, há de se perguntar²: *um processo educativo que percorre os patamares de consciência do nível da ingenuidade à crítica, por meio da comunicação, inserida no ‘seio’ da cultura e promovendo a sua democratização, não se constitui como um sistema aberto de educação com teorias que se comunicam?*

Aspectos teóricos

Educação popular não comporta a investigação por meio de cálculos lógicos, estando desprovido de interpretação. Não se está propondo o exame de um discurso que expresse símbolos primitivos determinadores de combinações simbólicas, construindo regras geradoras de novas regras de inferência que contenham expressões definidoras para

Projeto Nordeste e Projeto Sul (Sergipe e Rio de Janeiro) financiados pelo MEC. Ver: Scocuglia, Afonso Celso (1997).

² A pesquisa desenvolvida teve como amostra cinco grupos de profissionais no campo da educação popular, num total de noventa e seis participantes: a) na *Experiência de Autogestão* que vem sendo desenvolvida na Usina Catende-PE (2002 a 2004); b) durante o *Curso em Educação Popular*, realizado pelo CEDAC (Centro de Ação Comunitária), com a participação de educadores populares de várias regiões do Estado do Rio de Janeiro, na cidade do Rio de Janeiro (2003); c) com profissionais (alunos/as) de 3 turmas em duas disciplinas *Teoria em Educação Popular* e *História e Filosofia da Educação Popular*, no Programa de Pós-Graduação em Educação (educação popular, comunicação e cultura) (PPGE/UFPB), em João Pessoa-PB (2003 e 2004).

outras novas regras. E, muito menos, que o seu percurso de chegada, por meio de formulações axiomáticas, seja a expressão da verdade última. Entende-se como um itinerário que pode expressar-se pelo modo de como se construiu aquele campo de conhecimento, o campo educativo popular, a forma peculiar de seu pensamento, com raciocínios que seguem um trajeto caracterizado por momentos intermediários dessa construção. Trata-se de um conjunto que expresse uma totalidade, estando traduzido nesse discurso. Essa totalidade precisa estar assentada em elementos unitários formados de conhecimentos múltiplos que organizam uma idéia central.

A partir do concreto, os experimentos em educação popular e, portanto, o ambiente mais complexo de análise que se desenvolve e que se mantém, reunido como unidade mesma, constituem essa totalidade pelas suas determinações e diferenciações. O resultado pode se apresentar como um conjunto expresso por inter-relações diversas, circunstanciadas em um certo tempo e movimento. E isto define a constituição de um sistema com teorias que, necessariamente, será mantido em aberto, comunicativo e em condições para comportar novas composições unitárias.

Um sistema que encerra em si teorias traduzidas por proposições ou conjunto de proposições, envolvendo as suas relações e implicações. Essas teorias serão utilizadas na explicação desse fenômeno educativo, em que se tornem possíveis as suas verdades, bem como as bases de sua natureza. A partir dessas teorias, tornar-se-á razoável a definição de hipóteses que poderão ser úteis nas explicações das realidades definidas. Com isso, estarão expondo os seus métodos, considerando a diferenciação dessas tentativas que conduzem o fenômeno educativo-popular. Todavia, um ambiente de educação não comporta teorias que se apresentem, tão-somente, assinaladas por generalização empírica ou por simples especulação. Em educação popular, são admissíveis teorias que possam se apresentar como expressão de síntese de um conjunto de proposições especulativas, desde que relacionadas com proposições geradas das experiências.

Com essa possibilidade, admite-se haver a sua formulação, a partir de vários ensaios históricos e outros em desenvolvimento, como um fenômeno educativo que, pelo trabalho humano, assegurem a produção e a apropriação dos bens culturais. De forma mais ampla, esse sistema tem como objetivo explorar e incentivar as potencialidades humanas educativas quanto à produção e apropriação desses bens, na expectativa de mudanças.

Experiências e formulações teóricas vêm abalizando seu significado como um conjunto de elementos teóricos que fundamentam ações educativas relacionadas entre si e ordenadas segundo princípios alicerçados em vivências. Esses princípios, por sua vez, formam um todo ou uma unidade. Porém, mesmo resultando em uma unidade, esta se mantém em aberto, na medida em que relaciona ambiente de aprendizagem e sociedade, educação e o popular.

Nesse movimento, o humano elabora, sistematiza e reelabora o conhecimento, cuja cientificidade demonstra-se na sua própria prática coletiva. Constrói uma metodologia coletiva capaz de se tornar hábil em atitudes de orientação, sistematização e explanação de idéias. Com ela, preparam-se técnicas de reuniões, exercitando a crítica e a organização geral de entes humanos em suas classes. Através dessa teoria, exteriorizam-se conteúdos gerais que se originam no mundo concreto, adquirindo diferenciadas modalidades de trabalho pedagógico. Esse modelo vem sendo aplicado, com razoável sucesso, em ações educativas com moradores de periferias de cidades, operários, camponeses e outras categorias de pequenos produtores rurais, incluindo a educação indígena, não seriada. É um ato pedagógico em contínuo movimento, cuja dimensão qualitativa reclama a forma como se desenvolve a “consciência crítica” de seus participantes e o tempo em que as atividades são conduzidas. A avaliação de seus conteúdos, finalmente, conduz à análise organizativa do conjunto educativo em desenvolvimento.

Esse fenômeno educativo cultiva valores éticos promotores de atitudes democráticas, direcionadas para a igualdade e a liberdade. É uma luta coletiva ansiosa por democracia que, para Calado (2003), exigirá atitudes coletivas com dimensões de curto, médio e longo prazos, envolvendo os variados segmentos explorados da população. Caso esses setores estejam ausentes, tal conquista não ocorrerá.

As suas atividades conduzem para uma idéia central – *a liberdade*. Inicia-se na alfabetização, passa pelos círculos de cultura³, pela educação básica e média, chegando, de forma presumível, à universidade popular e a outros ambientes do conhecimento. Trata-se de um percurso de exercícios forçosamente subversivos, expressão da utopia que está

³ Ambiente formado por um círculo de pessoas em que, pelo diálogo (educação popular), promovem-se a codificação e a decodificação de seus mundos e suas vidas.

preenhe de possibilidades de realização. Esse é o percurso revelado por um sistema educativo.

As bases da educação popular tornaram-se mais sólidas com Freire. O próprio termo “surgiu do reconhecimento da existência da diferença e da oposição entre culturas do povo e cultura da elite” (Brennand, 2003: 61). A *ação cultural libertadora* de Freire (1984) gestou programas voltados aos setores que estão à margem da sociedade - os oprimidos (Freire, 1984a e 1987). Buscou a superação existencial da situação de ‘dominado’ daqueles que estão despossuídos dos produtos culturais, a partir da capacidade de leitura.

Transgrediu-se, pelo pensar crítico (Freire, 1991), a visão sensível geradora de um saber apenas existencial ou opinativo, fecundada de uma ação prisioneira da magia. Esse percurso inicia-se por outro sistema que é o de sinalizações, tratado como um sistema universal que descortina a condição de uma comunicação escrita. A questão que se impõe é: Como proceder a essa montagem de sinalizações? “Somente um método dialogal, ativo, participante poderia realmente fazê-lo. Somente pelo diálogo que, nascendo numa matriz crítica, gera criticidade e que implica uma relação de como conseguir esses objetivos” (Freire, 1963: 14). Estabelece-se prontamente o caminho da construção de um sistema educativo popular.

O método em construção traz consigo uma teoria de conhecimento que tem como ponto de partida o mundo concreto por meio do levantamento do universo vocabular do grupo em condição de se alfabetizar. Nesse ambiente, desabrocham os seus anseios, suas crenças, suas frustrações e a estética de sua linguagem. Passa-se, em seguida, para um segundo momento de seleção nesse universo vocabular, quando o grupo consegue identificar as palavras que se apresentam mais ricas em fonemas e ‘pluralidade de engajamento’ aonde se vive - local, regional e nacional. Avança-se, nos momentos seguintes, para o debate, a partir das situações que vão sendo geradas e expressas de variadas formas. Com esse material, definem-se os fonemas que irão compor outras palavras, continuando com os círculos de cultura. Este método anuncia a definição da primeira etapa do percurso educativo, que é a fase da alfabetização infantil, seguindo à alfabetização de adultos, que abre à educação básica. Uma nova etapa oferta o ensino médio e a organização da universidade popular.

É um método que se funde com a teoria do conhecimento e com a organização estruturante de um possível esboço de currículo, permeado por análises lógicas, semióticas, lingüísticas e filosóficas. Incorpora uma teoria da comunicação, edificando-se a partir de duas categorias fundantes: *a comunicação e a cultura*. E filosofia da educação “é, entre outras coisas, o estudo deste processo de *transferência* ou transmissão de cultura, e a teoria e prática da *comunicação*, que a torna possível” (Maciel, 1963: 29).

Pela comunicação, opera-se o sistema, enquanto a cultura torna-se o meio para sua realização, adquirindo maior radicalidade com a necessária socialização dos bens culturais. Assegura-se, assim, a pedagogia dialógica. Isto possibilita que o humano, à proporção que promove a democratização desses bens, realimenta-se com tal produto que lhe é próprio, pois é o seu produtor, passando o sistema a funcionar como um todo que se intercomunica. Por meio desse método dialogal, o humano passa a atuar conscientemente, educa-se e é educado com os demais. Ao se transformar e se comunicar, também transforma e comunica a todos.

Ações intercomunicantes

a) *Usina Catende – um ambiente de educação popular*

Ações intercomunicantes mantêm-se estabelecidas em experiências atuais, como a da Usina Catende⁴, externadas em planos de educação para a aprendizagem de outros valores éticos nas relações humanas. “O presente momento deste projeto exige organização da atividade de formação para os trabalhadores compreenderem a sua ação no interior do processo produtivo da empresa... Este plano está articulado com outras atividades complementares, tais como pesquisa sobre satisfação no trabalho e reuniões, às quintas-feiras, nos engenhos” (Lima, 2001: 1). É um convite aos trabalhadores para o domínio da

⁴ Desde o ano de 1993, os trabalhadores da Usina Catende, no município de Catende, em Pernambuco, uma das várias usinas que faliram na região açucareira nordestina, vêm mantendo a sua sobrevivência e a da usina sob o controle deles próprios, num longo exercício educativo para a *autogestão*, administrando, economicamente, em dimensões de *uma economia solidária*. É uma experiência em andamento denominada de Projeto Catende/Harmonia. No seu Plano de Educação foram montados dois cursos técnicos, realizados simultaneamente, sendo um curso em Técnicas de Gerenciamento em Produção Agrícola, para trinta participantes, e o outro em Técnicas de Produção na Agroindústria Açucareira, para outros trinta participantes, e ambos sob a orientação pedagógica da educação popular e da economia solidária.

linguagem pela comunicação e para a compreensão dos mecanismos de produção. Para isto, o plano teve início com as discussões dos valores da economia solidária e da autogestão. Em seguida, passou pelas dimensões técnicas específicas para ambos os cursos, como as do plantio da cana e técnicas utilizadas para a produção do açúcar, lastreadas pela educação popular.

Abre-se um campo vasto para se discutir a lógica e a teoria do conhecimento que essas ações educativas e populares vêm demonstrando. O que se pode ver neste experimento? Uma expressiva série lógico-gnoseológica aparece. O objeto de ação é a realidade que se mostra com sentidos, expresso por sensações, percepções, juízos, verbalização e conhecimento objetivo. Surge uma dimensão que Maciel (1963) apresenta como as três operações do pensamento: *a apreensão* (operação mental que forma a idéia, expressa pela verbalização da palavra); *o juízo* (ato de afirmar as suas apreensões); *o raciocínio* (composição dos juízos entre si, por meio dos conectivos básicos geradores das demais conjunções).

O método concebido na alfabetização freirena contém a mesma base maiêutico-socrática. O diálogo é usado como força motriz da linguagem que se instala e vai se apresentando como caminho, sempre aberto, para uma seqüência de argumentação ou novas definições de gestão para uma autogestão. O procedimento metodológico é sempre dicotômico (dialético) ou de divisão em duas partes; em seguida, uma das partes é tomada para nova definição, que novamente será dividida, dando continuidade ao procedimento. Este método duplo conduz, de início, a uma técnica de argumentação que procura desmontar os conhecimentos prévios de cada participante, bem como os possíveis vícios existentes de pensamento e tidos como verdadeiros e definitivos.

O segundo momento é o da maiêutica em que todos se preparam, por meio de perguntas, trazendo as suas verdades. Os exercícios de anamnese (retornos à história da usina e às vezes do/a participante) criam as condições subjetivas desse trânsito do 'eu' para a própria interioridade. Esse conhecimento é resultante do movimento de perguntas e respostas. Não é um conhecimento gerado de uma simples opinião, daquilo que se pensa ter certeza. Há, portanto, toda uma argumentação que o solidifica.

A argumentação passa pelo debate sobre a autogestão em Catende que se apresenta, em geral, de forma bastante abstrata, considerando que tentativas dessa natureza não são comuns na região.

Para nós, não existe democracia sem apropriação coletiva dos meios de produção. A autogestão é um processo de aprendizado, principalmente em áreas de agroindústria em que predomina alto índice de analfabetismo e baixa institucionalidade de organização empreendedora dos trabalhadores. Portanto, autogestão trata-se de nova cultura do trabalho e administrativa se articulando numa estrutura funcional do negócio, em que os resultados finais são coletivamente apropriados (Usina Catende, 2002: 1)⁵.

Isto expressa as funções psicológicas da abstração e da generalização que Maciel (1963) detecta em Freire, na perspectiva de Pavlov. É um sistema de sinalizações em que, no primeiro momento, há ênfase nas percepções do mundo real e concreto; no segundo momento, pela linguagem, o humano transcende para a criação, em todas as esferas da vida, sendo esta inesgotável.

Após esses anos de ações de ensino e aprendizagem para outro estilo de vida, os trabalhadores da usina exibem mudanças quanto ao uso da terra, mesmo que permaneça a cana de açúcar como produto principal. “Mudanças das relações empresa e sociedade, da liberdade de organização e expressão, da moradia, da educação, e que despertam para a questão: o que significa (a usina) numa região dominada secularmente pelo latifúndio, exploração do trabalho, analfabetismo, mandonismo e violência?” (Usina Catende, 2002: 2). Trata-se de uma questão para ser respondida por quem assume a relação homem e mundo, num ambiente com as dimensões culturais apresentadas, expressando, de forma visível, o avanço para a consciência crítica, possibilitada pela comunicação por meio do diálogo. São categorias ou postulados presentes em Freire e que aparecem nesse projeto, incentivando ações que definem pressupostos teóricos formuladores de um sistema intercomunicante.

Nos círculos de cultura⁶, são discutidas as providências com vista à obtenção de alevinos para os barreiros dos trabalhadores ou a criação de outros animais e implementos

⁵ Os textos produzidos na própria Usina Catende, aqui apresentados como mimeografados, estão disponíveis no ambiente de reuniões do Projeto Catende/Harmonia.

⁶ Compõem a Usina Catende quarenta e oito engenhos (povoados rurais), onde funcionam vinte e três círculos de cultura. Em todos esses engenhos, estão instaladas associações de moradores - espaços de discussão e reflexão.

agrícolas. Neles, os trabalhadores debatem suas formas de atuação junto à administração central da usina, como a eleição para os vários conselhos existentes, a autogestão, a safra e preços do açúcar, a defesa do projeto Catende/Harmonia e suas dificuldades, a sua participação na Articulação da Mata Sul⁷, além do mecanismo de falência e a discussão permanente sobre economia solidária e autogestão⁸.

“A socialização de conhecimentos adquiridos pela vivência, dialogando com os conceitos técnicos, favorece uma nova compreensão da realidade vivida pela produção familiar” (Usina Catende, 2004: 4). Trata-se do estudo de todos esses sinais que tem na linguagem o principal veículo de conhecimento e, na comunicação, o canal da cultura. Linguagem cuja dimensão pragmática verificada nesses aspectos da educação popular é destacada por Maciel (1963). Ele salienta quatro diferenciados níveis da pragmática, dando ênfase ao nível da pragmática existencial social, na semiótica das interpretações das palavras tratadas, e ao nível da pragmática existencial-transitiva, onde os participantes do ‘círculo de cultura’ captam a dimensão política e social da palavra.

Nesse momento, a cana não é mais uma simples planta, transformando-se em produto de vida, com as interfaces das dimensões de mercado e as conseqüências sociais para a região. Esses sinais compõem os currículos naquele campo de vivências educativas, tornando possível a sua interpretação devido à riqueza de seus fonemas. Merecem destaque os diversos engajamentos dos trabalhadores nesses ambientes, com suas dimensões sociais e políticas. Esses sinais também foram detectados por Melo Neto (1999), num exercício de ação cultural, na Zona da Mata Norte de Alagoas. O estudo foi desenvolvido com membros de sindicato, professores da escola normal, grupo do Mobral, do esporte, clube de jovens, grupo de zabumba e da festa dos guerreiros e artesanato, além de grupos de arte. Produziu-se um conhecimento que, segundo Fleuri (2002: 211), “significa fundamentalmente *construir teórico-praticamente relações humanas*”.

⁷ A Articulação das Entidades na Mata Sul de Pernambuco é um espaço de reflexão em que associações urbanas e rurais, organizações não-governamentais, movimento sindical de trabalhadores rurais e centros de mulheres (várias cidades) se articulam em torno de uma agenda comum para o desenvolvimento sustentável da Zona da Mata nordestina.

⁸ Ver: Cartilhas da Série Catende/Harmonia, volumes 1 e 2. (Material didático dos círculos de cultura).

Na visão do trabalhador rural⁹:

É a única empresa que incentiva o trabalhador para plantar a cana e moer na própria empresa, além de outras culturas. As outras empresas só precisam do nosso trabalho... Isso é de fundamental importância e é a grande diferença para as outras empresas. A gente acredita que os apoios das entidades como a CUT, a Federação e Confederação, os sindicatos e todos que abracem esse projeto muito ajudam (Amaro Juvino)¹⁰.

Há necessidade de melhoria nos serviços prestados por grupos que contribuem para as ações de desenvolvimento local e da região. Além disso, é preciso criar novos mecanismos, fazendo com que os trabalhadores participem mais diretamente das negociações e decisões do Projeto Catende/Harmonia. São elementos de uma teoria política que se sustentam com o exercício da capacidade de gerenciar o empreendimento. A proposta do desenvolvimento local é nova para a região, e as relações sociais insistem em permanecer num tempo passado.

Se ela (usina) fechasse e dividisse as terras para os trabalhadores seria bom – uma reforma agrária. Os donos que colocaram o pessoal para fora disseram, na época, para a gente receber o que nos era devido em terra e dinheiro. Os sindicalistas não aceitaram, com o interesse de tomar conta da empresa. Disseram que a empresa é do trabalhador, o lucro da empresa vai ser dividido pelos trabalhadores e isso nunca aconteceu nem vai acontecer. Eu acho que uma empresa dessas não vai para frente (José Milton)¹¹.

As discussões continuam centradas nas questões econômicas, no mercado internacional do açúcar e no próprio desenvolvimento do projeto e da região, tendo-se a percepção de que as ações educativas não superam o debate sobre desenvolvimento. A esse respeito, alerta Ireland (2001: 176): “O crescimento econômico não é um substituto adequado para educação, ciência, cultura e comunicação entre povos e nações”. Todavia, os possíveis fatores de sucesso do Projeto Catende/Harmonia passam pela sua capacidade de produção, pelas relações que estejam ao seu favor entre a empresa e o Estado, bem como pela promoção da democracia interna no campo e na fábrica.

⁹ As citações dos trabalhadores da Usina Catende estão no Relatório de Pesquisa: Melo Neto, José Francisco de. Usina Catende – entre a doçura e a harmonia. Catende-PE, 2002.

¹⁰ Trabalhador rural em engenhos da Usina Catende. Entrevista para esta pesquisa.

¹¹ Entrevista para esta pesquisa. Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais da Cidade de Palmares – PE, cidade que faz parte das terras da usina.

Precisamos transformar pessoas em dirigentes para o futuro. Além do problema econômico, há problemas de se planejar estrategicamente a ação dos bons quadros e dos atores existentes em torno do projeto. Todos aqueles dirigentes da Catende são importantíssimos, mas é possível aproveitar, ainda mais, o potencial deles num todo. As pessoas também têm muito potencial e é necessário ajudá-las nisso (Risadalvo José)¹².

Mas há necessidade de que os operários também possam partir para outras alternativas. Para o trabalhador do campo, há o ‘projeto cana de morador’ com a posse pelo próprio agricultor da cana plantada e colhida. Em suas críticas, pedem também que sejam examinados projetos para os operários da indústria, em seus variados setores.

Nós temos uma carpintaria que está, praticamente, parada; temos uma cerâmica que poderia gerar renda; temos um hospital – a Policlínica Gouveia de Barros - que está, praticamente, parado, além da fundição. Então, nós da indústria temos que criar algum tipo de perspectiva, algum tipo de alternativa para a gente garantir a nossa sobrevivência e não ficar na dependência da Harmonia/Catende e do pessoal do campo (Francisco José e Edvaldo Ramos)¹³.

Cursos são promovidos para fortalecer metodologias de uma pedagogia participada, com a finalidade de preparar trabalhadores para atuarem, técnica e solidariamente, em agroindústrias, no processo de produção do açúcar (Melo Neto, 2002 e 2004), com conteúdos específicos, com um peculiar sistema de avaliação dos/as participantes e coordenadores/as dos cursos.

Os canais variados e polissêmicos da linguagem cruzam-se. As pinturas, o auditivo, por meio do verbal, os áudios e gráficos estão presentes. Além da associação de fonemas e de palavras, associam-se palavras com as imagens, palavras com novas palavras, imagens com as palavras e imagens com novas imagens do mundo daqueles trabalhadores. Tal compreensão de linguagem pode explicar “o fato de que o indivíduo, ao usar a língua, não apenas exterioriza o pensamento ou transmite informações, mas também realiza ações com a própria linguagem e atua sobre os interlocutores” (Aquino, 2000: 53). Estes são campos de estudo para serem explorados pela teoria da comunicação e pela teoria da cultura, presentes nos exercícios da educação popular, efetivamente, com dimensões intercomunicantes.

¹² Entrevista para esta pesquisa. Assessor do Projeto Catende/Harmonia.

¹³ Entrevista para esta pesquisa. Operários da Usina Catende.

b) *Outros ambientes de educação popular*

Resultados semelhantes foram catalogados em pesquisas que procuravam delinear ontologicamente a educação popular, junto a cursos de instituições¹⁴ que preparam profissionais para exercerem atividades nesse campo educativo, a partir do concreto de suas vidas, transformando-se em sínteses sob a ótica da categoria teórica movimento, em exercícios gerais de intersubjetividades. Foram coletados, com essa metodologia, os elementos que os educadores/as indicavam como os constituintes da educação popular, expressos a seguir:

Quadro 1: Constituintes da educação popular com grau de pertinência¹⁵ igual ou superior a 80% dos respondentes.

CONSTITUINTES	RESPONDENTES(%)
Compromisso político	100
Práxis	94
Autonomia	88
Crítica	88
Cultura	88
Diálogo	88
Processo	88
Pedagogia própria	88
Transformação	81
Realidade	81
Empoderamento	81

Fonte: Pesquisa no CEDAC – Centro de Ação Comunitária, Rio de Janeiro, 2003.

¹⁴ Dados de pesquisas realizadas no período de 2002 a 2004, nos cursos do Centro de Ação Comunitária (CEDAC), de preparação de profissionais em projetos que envolvem educação popular, na cidade do Rio de Janeiro, e com alunos do Programa de Pós-Graduação em Educação (educação popular, comunicação e cultura), da Universidade Federal da Paraíba, em João Pessoa, em três turmas nas disciplinas de História e Filosofia da Educação Popular e de Teoria em Educação Popular. Todos esses profissionais atuam no campo da educação popular.

¹⁵ Aquele elemento teórico que mais identifica a educação popular. Destaca-se ainda um conjunto de outros elementos de pertinência inferior ao índice definido: metodologia própria, organização/sistema, coletivo, experiência, incentivo aos saberes, cooperação, trabalho, identidade/autoria, emancipação, liberdade, ideologia, subjetividade, ação, construção, produção, identidade, gênero e reflexão.

Esses dados reforçam a visão da educação popular como um fenômeno cultural. Passa a cultivar um tipo especial de ensino e aprendizagem, com teorias explícitas de conhecimento e de comunicação. Contém uma pedagogia própria, com conteúdos e procedimentos de avaliação, e uma base política libertadora efetivada por constituintes como a promoção de empoderamento das pessoas, a transformação e o compromisso político. A mesma pesquisa, realizada no ambiente universitário com alunos que atuam nessa área educacional, apresentou os resultados constantes no quadro que segue:

Quadro 2: Constituintes da educação popular com grau de pertinência¹⁶ igual ou superior a 80% dos respondentes.

CONSTITUINTES	RESPONDENTES (%)
Cultura	95
Construção do sujeito	90
Compromisso político	90
Crítica	88
Diálogo	88
Democracia	85
Liberdade	85
Autonomia	85
Identidade	85
Práxis	80
Incentivo aos saberes	80
Trabalho	80
Popular	80

Fonte: Pesquisa entre participantes de projetos em educação popular, João Pessoa, 2003.

Essas categorias teóricas parecem ir, pouco a pouco, consubstanciando a possibilidade de que as mesmas formem uma visão da educação popular permeada de princípios éticos. Vão constituindo uma filosofia com elementos evidentes de uma teoria de

¹⁶ Profissionais que atuam em projetos de educação popular e alunos da disciplina Teoria em Educação Popular, do Programa de Pós-Graduação em Educação, do Curso de Doutorado em Educação da UFPB, em João Pessoa - turma de 2003. Outras categorias teóricas que foram levantados com menor pertinência: produção de conhecimento (metodologia própria), prática, ideologia, autenticidade, experiência, transitoriedade e apropriação do produto da educação popular.

conhecimento. Esses elementos convidam para uma metodologia ou uma pedagogia especial, acompanhada de conteúdos com forte inspiração política, assumida pelas dimensões da práxis, da autonomia e da crítica. Além disso, outros resultados aproximam-se, considerando nova amostra¹⁷:

Quadro 3: Constituintes da educação popular com grau de pertinência igual ou superior a 80% dos respondentes.

CONSTITUINTES	RESPONDENTES (%)
Autonomia	90
Compromisso político	90
Incentivo ao conhecimento	90
Construção do sujeito	85
Cultura	85
Diálogo	85
Práxis	85
Trabalho	85
Autenticidade/identidade	80
Crítica	80
Liberdade	80
Saberes	80

Fonte: Pesquisa entre participantes de projetos em educação popular, João Pessoa, 2003.

Esses elementos teóricos compõem material de discussão pelos participantes em seus ambientes de ensino e aprendizagem e se aproximam de outros dados coletados em novo grupo, como segue. Um outro grupo pesquisado¹⁸ apresentou os seguintes elementos constitutivos: ação transformadora, aprendizagem (sentir, pensar e agir), compromisso político, construção do sujeito, crítica, cultura, democracia, diálogo, emancipação,

¹⁷ Profissionais que atuam em projetos de educação popular e alunos da disciplina História e Filosofia da Educação Popular, no mesmo Programa de Pós-Graduação - turma de 2003. Outros elementos também foram revelados abaixo do percentual de pertinência definido: democracia, experiência, ideologia, identidade, prática, popular, produção do conhecimento, resgate do sujeito, transitoriedade e apropriação do produto da educação popular.

¹⁸ Profissionais que atuam em projetos de educação popular e alunos da disciplina Teoria em Educação Popular, no mesmo Programa de Pós-Graduação, turma de 2004, utilizando-se o mesmo percentual de referência dos grupos anteriores.

liberdade, práxis, produção e apropriação do conhecimento (metodologia própria), realidade e saberes.

Alicerces de um sistema aberto e intercomunicante

Esses elementos indicam que a educação popular constitui-se de uma teoria de conhecimento que realiza uma pedagogia pautada na crítica, no compromisso político popular e na ética do diálogo. Essa pedagogia volta-se à construção do sujeito, ao empoderamento dos indivíduos envolvidos nessas ações comunicantes, definindo, portanto, um conteúdo e procedimentos de avaliação orientados no próprio processo. Ao reforçarem o compromisso político, a emancipação, a igualdade, a liberdade, a justiça e a felicidade, demarcam políticas que visam à emancipação da pessoa humana.

Essas diversas ações educativas seguem os passos indiciários de Freire que, com base em sua pedagogia, passam também a nortear o exercício educativo presente na Usina Catende e em outros tantos lugares. Parece, assim, razoável compreender a educação popular como um fenômeno de produção pelo trabalho e de apropriação dos produtos culturais da humanidade. Como um fenômeno da cultura, a educação popular tem nesta as dimensões de bens de consumo e bens de produção. Apresenta a divisão do trabalho e expõe a existência humana, em razão de ser o humano o criador da cultura, alimentando uma teoria da cultura.

Com a dimensão ética do diálogo, a educação popular forja um sistema aberto de ensino e aprendizagem, cuja filosofia convida outros valores éticos para expressar o seu fazer. Além disso, aponta para uma teoria do conhecimento referenciada na realidade e em um procedimento da razão, em forma de intersubjetividade, expressando a intersecção do mundo objetivo das coisas, do mundo social das normas e do mundo subjetivo dos afetos – a linguagem - cobrando uma teoria da comunicação. Pressupõe uma linguagem expressa por normas vigentes geradas de manifestações que possam ser justificadas, pois do contrário não serão legítimas nem terão valor dialógico intersubjetivo. É, enfim, um fenômeno educativo pautado por uma pedagogia (metodologia) incentivadora da participação e do empoderamento das pessoas, com conteúdos e técnicas de avaliação processuais. Esse fenômeno é lastreado em uma teoria política estimuladora das transformações sociais necessárias.

São dimensões teóricas, práticas e de valores para a vida que promovem a educação popular a patamares com possibilidades para além da ênfase na alfabetização de adultos. Contempla uma filosofia com posturas éticas que sugerem outro estilo de se viver em qualquer ambiente do cotidiano, podendo ser iniciado na educação do lar, na educação infantil, na alfabetização e nos níveis do ensino básico e médio, consolidando-se na educação superior e espraiando-se por todos os níveis de ensino, inclusive, de pós-graduação. Com essa demarcação, parece razoável a interpretação da educação popular como um sistema aberto de teorias intercomunicantes.

Referências

AQUINO, Mirian de Albuquerque. Um (tre)jeito felino de construir o discurso. *Temas em Educação*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação-UFPB. João Pessoa: Editora da UFPB, vol 9, 2000.

BRENNAND, Edna Gusmão de Góes. Paulo Freire e a pedagogia do diálogo. In: *O labirinto da educação popular*. Org. Edna Gusmão de Góes Brennand. João Pessoa: Editora da Universidade Federal da Paraíba, 2003.

CALADO, Alder Júlio Ferreira. Globalização – múltiplos e com(pl)exos fios de uma teia de relações: rumos, caminhos, protagonistas, posturas em aberto... In: *O labirinto da educação popular*. Org. Edna Gusmão de Góes Brennand. João Pessoa: Editora da Universidade Federal da Paraíba, 2003.

FREIRE, Paulo. Conscientização e alfabetização. *Estudos Universitários – Revista de Cultura da Universidade do Recife*, nº 4, Abril - Junho, Recife, 1963.

_____. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1984a.

_____. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1984.

_____. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987.

_____. A paixão de mudar, de refazer, de criar *Universidade e Sociedade*. Sindicato Andes Nacional. Brasília. Ano I, fev/1991.

FLEURI, Reinaldo Matias. *A questão do conhecimento na educação popular: uma avaliação do seminário permanente de educação popular e suas implicações epistemológicas*. Ijuí/RS: Ed.Unijui, 2002.

IRELAND, Timothy Denis. O atual Estado da Arte da educação de jovens e adultos no Brasil: uma leitura a partir da V Confinteia e do processo de globalização. In: *Educação popular – outros caminhos*. José Francisco de Melo Neto e Afonso Celso Scocuglia (orgs). João Pessoa: Editora da Universidade Federal da Paraíba, 2001.

KULESZA, Wojciech Andrzej. Para a história da educação popular no Brasil republicano. In: *O labirinto da educação popular*. Org. Edna Gusmão de Góes Brennand. João Pessoa: Editora da Universidade Federal da Paraíba, 2003.

LIMA, Lenivaldo Marques da Silva. *Plano de Formação*. Catende/PE. 2001.(mimeo).

MACIEL, Jarbas. Fundamentação teórica do sistema Paulo Freire de educação. *Estudos Universitários – Revista de Cultura da Universidade do Recife*, n^o 4, Abril - Junho, Recife, 1963.

MELO NETO, José Francisco de. Ação cultural no meio rural. In: *Resistência popular - possibilidades ontem e hoje*. José Francisco de Melo Neto e Wojciech Andrzej Kulesza (orgs). João Pessoa: Editora da Universidade Federal da Paraíba, 1999.

_____. *Usina Catende – entre a doçura e a harmonia*. Relatório de pesquisa. Catende/PE, 2002.

_____. *Extensão universitária, autogestão e educação popular*. João Pessoa: Editora da Universidade Federal da Paraíba, 2004.

SCOCUGLIA, Afonso Celso. *A história das idéias de Paulo Freire e a atual crise de paradigmas*. João Pessoa: Editora da Universidade Federal da Paraíba, 1997.

USINA CATENDE. *Pontos teóricos a serem destacados no projeto Catende/Harmonia*. Catende, PE, 2002. (mimeo).

_____. *A Usina Catende – por uma cultura de autogestão*. Série Catende-Harmonia, 1. Catende: Editora da Universidade Federal da Paraíba, 2003.

_____. *A Usina Catende – técnicas e custos do plantio da Cana*. Série Catende-Harmonia, 2. Catende: Editora da Universidade Federal da Paraíba, 2004.